

A "ICÁRIA" DOS TRABALHADORES

A morte de todas as tentativas de reformas sociais, de todas as modificações nas fórmulas que regem o velho mundo tem provindo do desentendimento dos próprios interessados desde que conseguem organizar-se. Imediatamente como um micróbio devastador, parecem reviver fantasmas d'avoengos despotas e carnifices, e o que era molécula duma sociedade nova passa a ser o atomo derruidor, o pósinho inútil revestindo as teorias antigas.

O operariado manual e intelectual, quando lhe sorriem possibilidades de vitórias, aproximações de seus créditos a triunfar, barulha, combate-se, deixa-se conduzir por processos que julga os melhores mas que ao desagregar os núcleos vitima o todo.

Ao querer-se levantar o edifício mina-se-lhe os alicerces. Trambulham os pedreiros que estão nos telhados ligando as telhas, mas ficam soterrados os que esfuram as caixas d'ar. Dêste modo sossobrou a iniciativa de Cabet — um nome desconhecido da grande massa do proletariado português — mas que teve um papel de reformador do velho sistema explorativo ao embeber-se no sonho da fundação da Icária.

A Icária — o país ideal dos trabalhadores — era bem uma visão dum mundo que os poetas da revolta imaginariam e que êle desejava — mais poeta ainda — tornar realidade.

Filho dum tanoeiro, Estêvão Cabet estudou e fez-se advogado. Era um homem eloquente, dedicado à política liberal; revoltou-se contra os Bourbons, serviu Luís Filipe mas depressa se desenganou e, ao escrever a sua *História da Revolução de 1830*, da qual fôra agente de categoria, causara perturbações na vida do novo sistema político.

Fundou o *Populaire*. Bateu-se nas colunas do jornal. Condenaram-no a cinco anos d'exílio. Quando regressou, foi ainda mais audacioso e ligou-se aos trabalhadores. Escreveu, então, a sua célebre *Viagem à Icária* que constituía a propaganda da nação ideal na qual «o estado é o senhor de todas as indústrias e vende o pão assim como as botas, sendo as refeições distribuídas a todos os cidadãos».

Imaginára adquirir um terreno vasto e ali fundar essa comuna e ganhara uma enorme aura. Temiam-no, perseguiram-no e, então, proclamou o seu sentimento e o dos seus adeptos:

«Já que nos recusam todos os direitos, toda a liberdade de associação, de reunião, de discussão e de propaganda política, vamos procurar a nossa dignidade de homens, os nossos direitos de cidadãos á verdadeira Liberdade com a Igualdade verdadeira.»

Tratava-se da Igualdade económica, sem a qual não pôde haver Liberdade de opinião porque acreditar que um homem de estomago vazio pode pensar como um de ventre cheio, é querer negar a própria natureza. Nem mesmo são semelhantes os esfomeados e os bem alimentados. Diferem como os mendigos dos cães de luxo.

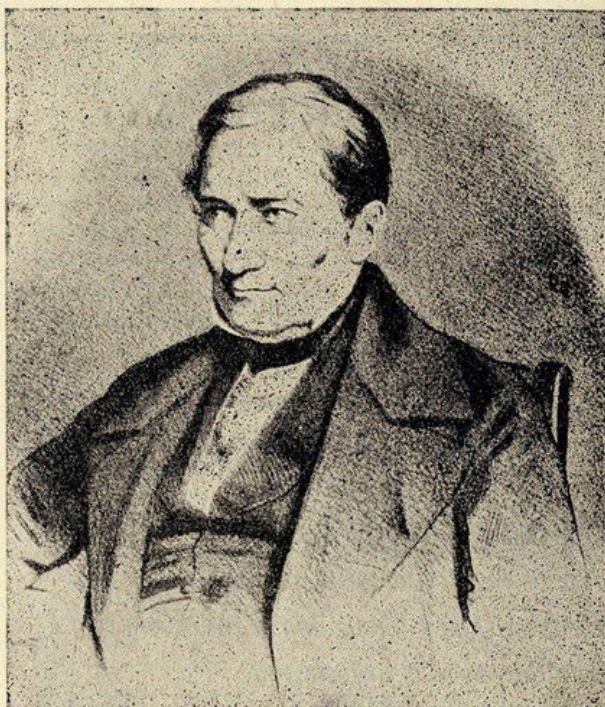
Cabet convocou o operariado de todas as camadas; agregou intelectuais e manuais, mas o govêrno mandou-o prender sob o pretexto de que o seu projecto falansteriano ocultava uma burla fenomenal. Levantaram-se clamores e, ao cabo de três dias de cárcere, saiu para se dirigir à América onde obtivera uma grande concessão de terreno nas margens do Texas, nas orlas do rio Vermelho. Arranjara capitais. Owen, o multimilionário inglês, que fôra operário e ficara sempre o dedicado amigo dos humildes, auxiliava-o.

A Icária fundava-se.

Ao começo houve as dificuldades próprias da região, do clima, das faltas de todo o género; depois começou-se a compreender que era necessário resistir, trabalhar, lutar, construir abrigo, realizar o pensamento dum mundo novo naquele terreno onde os homens deviam pensar igualmente

Construiu-se, organizou-se, impoz-se a cada um o seu dever. A cidade do Trabalho nascia nas margens do rio Vermelho. Parecia um símbolo, mas o nome de Icária — baseado no sonhador Icaro que desejou voar com azas, ligadas por cêra que o sol logo derreteria — era um símbolo também.

Podia ter sido uma maravilha aquela comuna inicial, um exemplo e uma bandeira proletária, um marco a tornar-se um monumento, porém, na sociedade nova reboaram as vozes dos políticos, contaminaram-se facilmente dos vícios antigos aqueles que mal os tinham olvidado. Debalde lhes gritavam que se deixassem de política e tra-



Cabet — fundador da «Icária»

tassem da sua Cidade, que não se perdessem a disntir a Constituição, assinada na redacção do *Populaire*, em 10 de outubro de 1847, e antes fossem estreitando mais a sua associação, construindo o seu país, tornando habitável a sua Icária. O micróbio contagiara os icarianos. A desordem reinava. Havia partidos. O sonho de Cabet e dos trabalhadores, a ligação de tantos esforços, dificilmente congregados, tudo quanto representava a força do proletariado, ruía. A associação, como uma nau, à qual os próprios marinheiros descalafetassem, ia afundar-se.

Entre os agitadores havia um chamado Gouhenaut. Rebentou contra êle a luta e encontraram nas suas malas brochuras e insignias que o fizeram julgar agente dos jesuítas. Foi condenado por traidor. Mas não era tarde para se voltar à organização.

O fundador perseverava; procurava novos capitais e recrutava novos colonos; instalaram-se numa cidade, a de Nauwo, que os mormais tinham abandonado, junto de Mississipi. A comuna existia; o govêrno de Illinois reconheceu-a sob a presidência de Cabet. Tratava-se de fundar mais vilas; impuzera-se aos cidadãos os seus deveres: «aprender a ler e a escrever, trabalhar no seu mister, não proceder de forma a prejudicar os seus camaradas, proteger as mulheres e as crianças, casar-se, entregar os filhos à guarda do Estado que os educaria.»

Viveu-se durante algum tempo em paz mas desejou-se um parlamento, à maneira dos do velho mundo; nasceram as oposições políticas, os directores gerais da alimentação e da saúde voltaram-se contra Cabet e durante seis semanas não se trabalhava porque se andava em discussões.

As maiores injúrias se lançaram sobre o sonhador que tinha realizado aquela associação de trabalhadores logo eivada do mal da desorganização política. Tudo quanto era sistema de resistência económica esquecia, o que devia ser a construção falia porque se procurava intervir demasiadamente no processo das realizações positivas.

Em breve a Icária acabava na desordem e os capitalistas europeus soltaram as suas gargalhadas, encheram de ironias nos seus jornais o pobre Cabet vencido.

Mas porque morreu a Icária? Porque os seus adeptos se deixaram suggestionar pelas vozes dos que os de-

sassociavam do ideal para os conduzirem como no velho mundo.

Sempre que as scisões vencem, sofrem as teorias.

A Icária, que existiu efêmeramente, é o símbolo das aspirações que podiam possuir monumentos e que muitas vezes os próprios interessados preferem em ruínas.

Rochu Martins